

O MERCADO SOCIALMENTE RESPONSÁVEL

Marina de Souza SARTORE¹

RESUMO: Este artigo aponta a emergência do mercado do Investimento Socialmente Responsável (ISR) no Brasil a partir da exploração sociológica do Índice de Sustentabilidade Empresarial lançado na Bovespa em 2005. Utilizando-se do referencial teórico de campo de Bourdieu, da Sociologia das Finanças e da metodologia da Análise de Correspondência Múltipla, conclui que a constituição do mercado do ISR é muito menos o resultado de mecanismos automáticos de mercado do que de uma convergência de elites buscando criar uma nova representação social no mundo das finanças.

PALAVRAS-CHAVE: Investimento socialmente responsável. Sociologia econômica. Campo. Mercado financeiro. Análise de correspondência múltipla. Elites.

Introdução

O Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) lançado na Bolsa de Valores do Estado de São Paulo em dezembro de 2005 pode ser considerado um ponto de partida sociologicamente viável para compreendermos a criação do mercado das Finanças Sustentáveis no Brasil.

Segundo o Fórum Latino sobre Finanças Sustentáveis (LASFF), um dos espaços que incorporaram as Finanças Sustentáveis é o mercado de capitais através das práticas de Investimento Socialmente Responsáveis (ISR) as quais “[...] usam critérios sociais, ambientais, éticos ou de governança na seleção ou gerenciamento dos portfólios.” (LASFF, 2010).

Deste modo, o investidor que quer ser socialmente responsável considera não apenas critérios econômicos como também critérios sociais e ambientais em sua decisão de investir no mercado de capitais (DÉJEAN, 2005; BRITO et al., 2005; GIAMPORCARO, 2006).

No plano internacional, de acordo com dados apresentados pelo *U.S. Social Investment Forum*, o total de ativos em Investimento Socialmente Responsável negociados cresceram de US\$ 639 bilhões em 1995 para US\$ 2.71 trilhões em 2007. (SOCIAL INVESTMENT FORUM, 2007). Na Europa, o estudo divulgado pela

¹ UFG - Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Sociais – Departamento de Sociologia. Goiânia – GO – Brasil. 74001-970 - marinass@cienciassociais.ufg.br

European Sustainable Investment Forum Network (EUROSIF) aponta que os Investimentos Socialmente Responsáveis ativos de treze países cresceram de € 1.033 trilhões em 2005 para € 2.665 trilhões em 2007 (EUROSIF, 2008).

Outra maneira de observar sua repercussão internacional é observar a evolução dos temas das conferências internacionais realizadas pela Iniciativa Financeira do Programa para o Meio-Ambiente das Nações Unidas (UNEP-FI), órgão que vem atuando na interseção entre Finanças e Sustentabilidade desde 1991. A sua primeira conferência, realizada em 1994, focou a necessidade de tornar “verde” os mercados financeiros, (*Banking and the Environment: Greening Financial Markets*). A partir de 2003, o ISR aparece de forma crescente nos temas das conferências a seguir: *Workshop on Investors and Sustainability [2003]*, *Implementing Responsible Investment: A United Nations Investor Roundtable [2004]*, *Roundtable on Private Banking and Sustainable Investment in Emerging Economies [2007]*, *Integrating ESG Issues Into Investment Analysis [2008]*, *Making it happen: Implementing the Principles for Responsible Investment [2008]*, *Sustainability and Global Property Portfolios: The Global Business of Responsible Property Investments [2009]*, *The Investors’ Perspective on the Nature and Need for Sustainable Property Metrics [2010]*².

No Brasil, se em 2001, o mercado do ISR estava limitado à existência de um fundo de investimento ético, o “Fundo Ethical” criado pelo então Banco ABN AMRO REAL (SÃO PAULO, 2006), em um segundo momento, a partir do lançamento do ISE em 2005, o mercado conheceu uma expansão pelo lançamento de novos fundos de investimentos: a gestora de recursos do Banco do Brasil, BB DTVM, lançou o Fundo de Ações BB ISE, que replica o ISE (CAMBA, 2005), também em dezembro de 2005, o HSBC lançou o Fundo de Investimento em Ações ISE (PAVINI, 2005). Em janeiro de 2006, o Bradesco lançou o fundo Bradesco Prime FIC FIA ISE que segue as variações do ISE (VALORONLINE, 2006). No mesmo ano, o Banco Safra lançou o Safra ISE que procura seguir o ISE (COTIAS, 2006). No final de 2007, quase dois anos após o lançamento do ISE, a Caixa Econômica Federal lançou o Caixa FI Ações ISE que procura replicar o ISE (VIEIRA, 2007). Em 2010, os ativos em Investimentos Socialmente Responsáveis ultrapassaram a esfera dos bancos comerciais e somaram R\$1,13 bilhão no Brasil (VALENTI; TORRES, 2010).

² Dados de todas as conferências disponíveis em: <<http://www.unepfi.org/events/archive/index.html>>. Acesso em 11 jan. 2011.

Este artigo demonstra que a lógica da constituição do mercado do Investimento Socialmente Responsável no Brasil não é o resultado da interação de mecanismos automáticos de mercado baseados na oferta e na demanda, mas sim, o resultado de relações sociais convergentes entre grupos sociais, mais particularmente elites sociais, as quais, seguindo a terminologia de Bourdieu, são dominantes em seus respectivos campos de atuação.

Com o intuito de compreender a construção social do mercado do Investimento Socialmente Responsável, teoricamente, este artigo se inspira nas idéias advindas da Sociologia Econômica e das Finanças assim como da sociologia de Pierre Bourdieu. Metodologicamente, este artigo utiliza a metodologia da Análise de Correspondência Múltipla para desenhar o espaço social do surgimento das práticas do Investimento Socialmente Responsável e conseqüentemente, do mercado do ISR no Brasil.

Sweedberg (2004, p.7) define a sociologia econômica como a “[...] aplicação de idéias, conceitos e métodos sociológicos aos fenômenos econômicos – mercados, empresas, lojas, sindicatos, e assim por diante.”

Uma das maneiras de aplicar os “*conceitos e métodos sociológicos aos fenômenos econômicos*” é focar, por exemplo, as interações sociais e a formação de redes sociais. O viés mais cultural da NSE pressupõe que é a partir das interações sociais que a ação econômica adquire significado (DIMAGGIO, 1994) enquanto o viés mais estrutural pressupõe que o sentido da ação econômica está sujeito às configurações da rede social na qual o indivíduo ou grupo estão inseridos (GRANOVETTER, 1985). Ao dar relevância para as relações sociais e para as redes na configuração de um mercado, a Sociologia Econômica abre espaço para o estudo dos protagonistas [individuais e/ou coletivos] que constituem o mercado e/ou que transformam estas relações sociais, modificando as esferas de exercício do poder. O estudo de Parpet (1986), sobre a criação do mercado perfeito de morangos na França, é exemplar do estudo da mudança das relações de força realizada por determinados protagonistas sociais.

Desta maneira, este artigo foca a emergência do mercado do Investimento Socialmente Responsável a partir da propriedade de seus agentes assim como das relações de poder vivenciadas e construídas por eles, utilizando para tanto, o referencial teórico de **campo** de Pierre Bourdieu. Assim, a inspiração teórica parte da idéia de economia situada em um campo econômico no qual o mercado é visto como

[...] uma construção social, uma estrutura de relações específicas, para a qual os diferentes agentes engajados no campo contribuem em diversos graus, através das modificações que eles conseguem lhe impor, usando poderes detidos pelo Estado, que são capazes de controlar e orientar. (BOURDIEU, 2005, p.40).

Da mesma forma que o mercado econômico é aqui visto como uma construção social, resultante das interações sociais e das lutas simbólicas inerentes a este espaço, o mercado financeiro também pode ser visto por este mesmo viés analítico.

Segundo Godechot, a Sociologia das Finanças nasce com a tarefa de livrar-se do papel auxiliar tanto nas explicações econômicas sobre as crises financeiras quanto nas demonstrações das complexidades dos produtos e práticas do mercado financeiro. Mais do que isso, a sociologia das finanças procura “interrogar a existência mesma do mercado financeiro” (GODECHOT, 2009, p.2). Ou seja, a sociologia busca a compreensão das estruturas sociais assim como das configurações sociais do mercado financeiro. Neste sentido, os trabalhos de De Goede (2005) e Knorr Cetina (2007) são referências fundamentais para compreender este novo viés analítico. O mercado financeiro visto como uma construção social multidimensional é, portanto, a inspiração teórica deste artigo.

Em termos metodológicos, recorro à Análise de Correspondência Múltipla³ utilizando-a como ferramenta de análise para o campo. De acordo com Rouanet (2005), a ACM é vista como uma ferramenta para a produção da representação simultânea do espaço das categorias e do espaço das propriedades. A ACM é a ferramenta que possibilita a representação geométrica do espaço social de Bourdieu. Deste modo, a primeira etapa consiste em realizar uma “prosopografia”, ou seja, identificar o coletivo a ser analisado. Para Bulst (2005, p.52) a Prosopografia “[...] é a análise do indivíduo em função da totalidade da qual ele faz parte.” Assim, este artigo realiza uma prosopografia com o intuito de apreender a história de vida do coletivo do Investimento Socialmente Responsável a partir da análise do indivíduo e sua relação com este coletivo. A prosopografia foi realizada através de pesquisa em mini-biografias disponíveis publicamente na internet. Estas mini-biografias permitem desenhar o campo, pois,

[...] os acontecimentos biográficos se definem tanto pelas posições ocupadas quanto pelas mudanças no espaço social, quer dizer, mais precisamente pelos diferentes estados sucessivos da estrutura de

³ O *software* utilizado para desenvolver a análise foi o SPSS, disponível na Universidade Federal de São Carlos. .

distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. (BOURDIEU, 1986, p.71).

Bourdieu (1986) afirma que, para que seja possível compreender a trajetória de vida é necessário construir um conjunto de relações objetivas que unam o indivíduo ao conjunto dos outros indivíduos. Estas relações são objetivamente expressadas em **tipos de capital**.

Este artigo está dividido em 4 partes: Em um primeiro momento, recupero brevemente a história do Investimento Socialmente Responsável (1), em seguida explico a metodologia utilizada para a obtenção da amostra (2). Posteriormente, apresento os resultados da ACM (3) seguidos de minhas considerações finais (4).

Contextualizando o ISR

A literatura sugere que as origens do ISR podem remontar aos tempos bíblicos quando as leis judaicas ditavam maneiras éticas para investir o dinheiro (GIAMPORCARO, 2006) Outra origem pode estar no fundador da igreja metodista John Wesley, com seu sermão intitulado “*The use of Money*” que pregava princípios éticos para o uso do dinheiro. No entanto, o ponto de partida mais citado pela literatura, é situado no final do século dezoito, quando os *Quakers*, pelas suas convicções religiosas, se recusaram a investir no setor de armamentos e de escravidão o que levou a criação dos primeiros fundos éticos a partir de 1920. Deste modo, o começo do século testemunha o surgimento de investimentos no mercado financeiro por princípios religiosos.

Em 1928 surge o primeiro fundo ético do Banco de Boston, o *The Pioneer Fund*. O fundo não investia em empresas que produziam bebidas, tabaco e pornografia abrindo espaço para que as igrejas da América do norte pudessem investir seu capital em fundos no mercado financeiro seguindo os seus princípios éticos (DÉJEAN, 2005).

Aparece assim, uma demanda específica, característica de países como a Inglaterra e os Estados Unidos nos quais o mercado de capitais é central para a articulação econômica.

Até a década de 60, o movimento ficou marginalizado, recuperando suas forças no contexto da “tomada de consciência” objetivada em movimentos sociais em prol do meio ambiente, pelos direitos civis, direitos das mulheres e o movimento anti-guerra, os

quais começam a questionar a irresponsabilidade social das empresas (GIAMPORCARO, 2006).

Ademais, o cenário político de final dos anos 60 e início dos anos 70 é marcado pela demanda de estudantes para que as Fundações ligadas às universidades americanas não investissem em empresas ligadas à guerra do Vietnã (BRITO et al., 2005; DÉJEAN, 2005) além do boicote econômico dos Estados à África do Sul devido ao Apartheid (BRITO et al., 2005; DÉJEAN, 2005; GIAMPORCARO, 2006). Assim, é criado o *Pax World Fund*, excluindo de sua carteira empresas com atividades relacionadas a armamentos e na África do Sul (DÉJEAN, 2005). Em 1980, surge o *South Africa Safe Equity* (SAFE). Trata-se de um *índice* com o intuito de reunir empresas que não tinham negócios na África do Sul (BRITO et al., 2005).

Ainda na década de 80, com o aumento das preocupações sobre o meio ambiente, surgem os fundos verdes (BRITO et al., 2005). Diferentemente dos fundos anteriores, os fundos verdes são baseados em um investimento crítico positivo, de investimento em empresas que desenvolvem ações para preservar o meio ambiente, e não baseado na exclusão de setores que contrariam uma determinada ética.

As empresas passam a aliar o desempenho sócio-ambiental (no intuito de satisfazer os interesses dos *stakeholders*) ao desempenho econômico (no intuito de agradar seus acionistas). Dentro desta perspectiva, surge uma primeira distinção fundamental entre os Investimentos Socialmente Responsáveis éticos (baseados na exclusão de empresas) e os de Performance (baseados na inclusão de empresas com melhores práticas de Responsabilidade Social). Assim, a criação de Índices de Sustentabilidade no mercado financeiro redimensiona a crença religiosa para a crença na racionalidade dos números. Se, em um primeiro momento, foi a religião que motivou a criação desta prática econômica do ISR, em um segundo momento ela já se encontra racionalizada, ou seja, não é apresentada mais a partir de princípios religiosos.

Quanto ao debate da incorporação de práticas religiosas para a formação do imaginário capitalista devemos recuperar as idéias de Max Weber (1985) em seu clássico “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. Segundo Bruhns (2009), o espírito da vida de trabalho dos mosteiros e a crença da recompensa divina pelo trabalho na Terra servem como alavanca para o desenvolvimento do Capitalismo. No entanto, após a implementação do capitalismo, este espírito é incorporado e não precisa mais ser recuperado. Esta lógica poderia estar presente no fato de que, o princípio do ISR é baseado em princípios religiosos que, posteriormente são incorporados e

sobrepostos pela justificativa racional-numérica. Assim, para que os Investimentos Socialmente Responsáveis de performance ganhassem terreno, teve que ser construída a crença de que as empresas com melhores práticas sociais tendem a desempenhar uma melhor performance financeira do que as empresas que estão listadas nos índices considerados tradicionais (ou seja, que reúnem as empresas em uma carteira considerando somente aspectos financeiros). Apesar da existência do contra-argumento de que “investir no bem custa caro” (BLODGET, 2007), a crença de que as empresas Socialmente Responsáveis apresentam uma melhor performance financeira se transformou no pensamento central dos agentes que buscam a evolução das práticas do ISR (GOND, 2006).

A sociologia do conselho do ISE

Diferentemente dos índices de Sustentabilidade *Dow Jones*, criados por atores sociais ligados ao Mercado financeiro ou o FTSE4Good, criado pela Bolsa de Valores Inglesa aliado com um jornal de negócios inglês, a criação do ISE testemunhou um debate público na mídia o qual pode ser dividido em três episódios principais: primeiro, o debate sobre a exclusão prévia de companhias que produzem álcool, fumo, apostas (as chamadas ações do pecado) do seu portfólio; segundo, o debate sobre a metodologia do ISE para avaliar a elegibilidade destas companhias; terceiro, o debate sobre a composição final do portfólio do ISE. Todos estes episódios tiveram como seu protagonista os membros do conselho deliberativo do ISE, o Conselho do ISE (CISE). Estas disputas públicas e sequenciais colocaram em questão a capacidade do CISE de ditar as regras do índice ou, em outras palavras, a sua legitimidade para dizer o que é a sustentabilidade de uma empresa. O embate era, portanto, na habilidade do CISE de ser um *lieu neutre* o qual o levaria a produzir a representação social legítima do mercado do Investimento Socialmente Responsável no Brasil. Segundo Bourdieu e Boltanski (1976, p.59), o *lieu neutre* é produzido por um:

[...] efeito de objetividade que resulta principalmente pela estrutura eclética do grupo. É um lugar onde pessoas de diferentes frações se encontram. Cada indivíduo do grupo pode ser visto como um lugar de encontro graças à multiplicidade de posições que ocupam no centro da classe dominante.

Na tentativa de identificar as estruturas sociais por trás da constituição deste *lieu neutre*, o CISE pode ser considerado como um espaço social no qual, de acordo com Lebaron (2008, p.123) é “[...] moldado por regras institucionais e legais, onde diferentes tipos de capitais acumulados pelos indivíduos estão em disputa.” Deste modo, o meu ponto de partida para encontrar os atores sociais que participaram no desenvolvimento do Mercado do ISR no Brasil é o mapeamento e a investigação daqueles que participam do CISE assim como daqueles atores sociais conectados aos agentes sociais que pertencem ao CISE.

Após mapear todos estes indivíduos, eu pretendo responder as seguintes questões: a) Quem são os atores sociais responsáveis pelo desenvolvimento do mercado do ISR no Brasil? Quando eu pergunto “quem”, eu considero a idéia de Bourdieu (1986, p.72) sobre o **nome**, o qual é considerado “[...] um conjunto de posições ocupadas simultaneamente em um determinado período por uma individualidade biológica que é socialmente estabelecida e atua como um suporte de um conjunto de atributos assim como de atributos próprios que permitem ao indivíduo agir de forma efetiva nos diferentes campos sociais.” b) O CISE pode, de fato, ser considerado um *lieu neutre*? c) Como estes indivíduos são distribuídos no espaço social? d) quais são as principais dimensões sociais que determinam a distribuição neste espaço?

Mapeamento dos indivíduos

O local de trabalho de todos os profissionais que trabalham para o desenvolvimento das práticas ISR não é um espaço físico estático onde estão todos geograficamente reunidos como, por exemplo, em uma empresa. No Brasil, a organização dos atores sociais é análoga à da França onde, como afirma Penalva-Icher (2006) o Mercado do ISR emerge da arena financeira vista como um espaço de sociabilidade objetivado em encontros, jantares, *workshops* e *road shows*.

O primeiro passo é o desenvolvimento de um estudo prosopográfico, em outras palavras, de “[...] uma análise das propriedades biográficas dos membros de um grupo histórico específico.” (LEBARON, 2009, p.19). Como não se trata de um grupo *a priori* homogêneo nem geograficamente situado, o mapeamento evidenciou quatro **pontos de encontros** principais entre estes indivíduos, todos relacionados ao ISE: Indivíduos e Instituições do CISE, o Time do ISE, o Relatório do IFC e as Conferências/Palestrantes.

Indivíduos e instituições

O primeiro passo foi mapear os indivíduos membros do CISE e as instituições por eles representadas. Foram mapeados os membros pertencentes ao CISE de 2005 a 2010. As instituições estão expostas no quadro 1.

Quadro 1 – As instituições do CISE

As Instituições do CISE	
ABRAPP	Associação Brasileira dos Fundos de Pensão
ANBID	Associação Nacional nos Bancos de Investimentos
APIMEC	Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais
IBGC	Instituto Brasileiro de Governança Corporativa
ETHOS	Instituto Ethos de Responsabilidade Social
PNUMA	Filiar Brasileira do Programa das Nações Unidas para o Meio-Ambiente
MMA	Ministério do Meio Ambiente
IFC	<i>International Finance Corporation</i>
BOVESPA	Bolsa de Valores do Estado de São Paulo

Fonte: Elaboração própria.

O time do ISE

O Centro de Estudos em Sustentabilidade (CES) da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo desenvolve e publica em versões anuais, o questionário enviado para as empresas candidatas a participarem do portfólio do ISE. Esta publicação é uma fonte de dados importante porque ela lista os nomes dos membros que compõem o CISE além de uma lista de créditos para aqueles que trabalham na elaboração propriamente dita do questionário, os *experts*. Estes têm conhecimento sobre aspectos sociais, econômicos, de governança e ambientais das empresas. Assim, os *experts* estão conectados com o ISE apesar de não serem a **face pública** do índice como fazem os membros do CISE.

Eu chamo estes *experts* de **time do ISE**. Para a pesquisa, foram analisadas as listas de créditos dos questionários de 2005 a 2008. Mas, considerando que muitas vezes os nomes destes *experts* não estavam completos, encontrar as suas mini-biografias na *internet* não foi tarefa fácil. De todo modo, foi possível identificar 62 indivíduos que

tenham uma mini-biografia com informações suficientes para serem considerados para a amostra.

O relatório sustainable investment in Brazil publicado pelo IFC

O IFC participou da formação do ISE dando-lhe o suporte financeiro. O IFC é o braço privado do Banco Mundial que provém investimentos e serviços de consultoria para o setor privado de países em desenvolvimento. O IFC publica relatórios que diagnosticam a situação financeira de um determinado país. No que concerne o Investimento Socialmente Responsável no Brasil, o IFC produziu dois relatórios: o primeiro, *Towards Sustainable and Responsible Investment in Emerging Markets*, foi publicado em 2003 e cita o Brasil como um país com potencial para desenvolver o mercado ISR. O segundo, *Sustainable Investment in Brazil* foi publicado em 2009 e já apresenta dados sobre o Investimento Sustentável no Brasil. Este segundo relatório requer uma particular atenção por divulgar uma lista de agradecimentos especiais para um rol de personagens e suas instituições que contribuíram para a elaboração deste relatório. A lista apresenta um total de 60 nomes dos quais, 16 já faziam parte da amostra e 28 não possuíam uma biografia online ou então são estrangeiros (e a proposta é identificar as características e correlações dos agentes nacionais que atuam no mercado do ISR). Assim, o IFC contribuiu com 16 personagens para o mapeamento deste espaço das finanças no Brasil.

Conferências/palestrantes

Como apresentado no quadro 1, as instituições que participam do CISE consistem em 9 instituições, a saber: ABRAPP, ANBID, APIMEC, BOVESPA, ETHOS, IBGC, IFC, MMA, PNUMA. Além destas, está associado ao ISE, o Centro de Estudos de Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas. Com exceção do MMA, todas as outras realizaram (ou realizam) conferências que abordam de maneira direta ou indireta o tema do ISR. Através da análise da programação destas conferências foi possível identificar os atores sociais convidados a falar sobre o ISR no Brasil.

Além das conferências mapeadas a partir das instituições que participam do CISE existem duas que merecem a atenção: a Conferência do Triple Bottom Line Investing (*TBLI Conference*) e o Fórum dos Investidores.

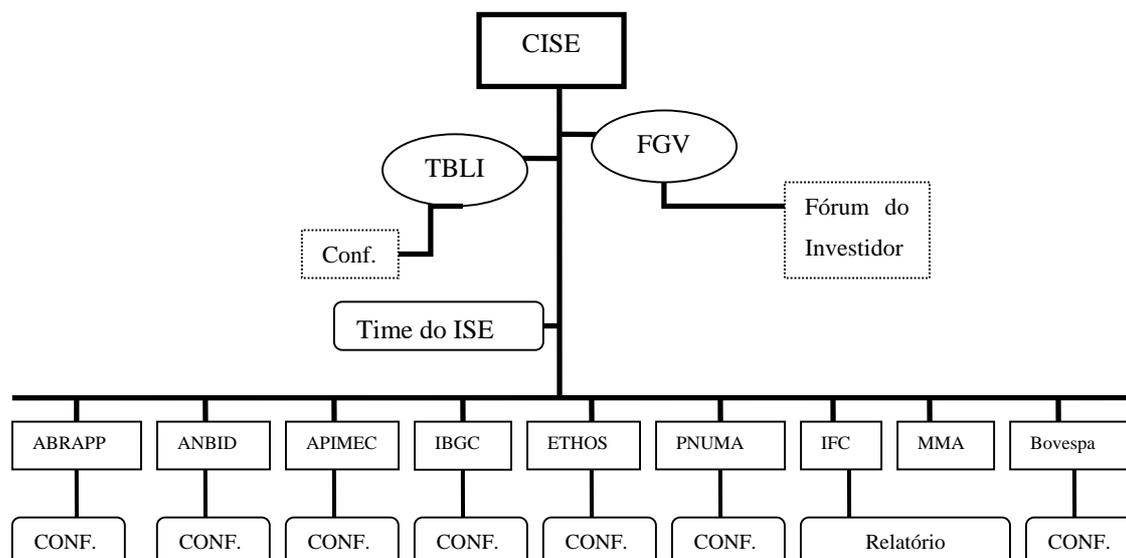
A conferência do *Triple Bottom Line Investing* é o *road show* global por excelência no tema do Investimento Socialmente Responsável. A conferência é realizada pelo grupo *Brooklyn Bridge* que exerce também atividades na área de consultoria. A conferência é um local de sociabilidade, o qual procura montar uma rede global de líderes de diversas organizações que vem trabalhando na área do ISR. Os brasileiros que circularam neste espaço social foram considerados para a amostra.

A página eletrônica do evento disponibiliza a programação com o nome dos palestrantes [e uma mini-biografia de cada um] assim como uma lista dos participantes ouvintes. A facilidade em encontrar dados biográficos na página da conferência do TBLI se deve ao fato deste evento se constituir em uma rede social em torno da temática do ISR e, portanto, torna-se necessário **aparecer** e saber **quem é quem**. Uma evidência do caráter de elite desta rede é o alto valor da taxa a ser paga para a participação no evento. Em 2008, o evento se realizou em Paris na antiga Bolsa de Valores onde reuniu participante em sua maioria vestidos à maneira do mundo dos negócios [roupas e ternos sociais], desfrutando de coquetéis no estilo *fingerfood*.

A Fundação Getúlio Vargas organiza anualmente o Fórum dos Investidores para reunir empresas de capital de risco com idéias sustentáveis e seus potenciais Investidores-Anjos os quais, neste evento específico, aplicam os critérios do ISR para definir em quais projetos eles querem investir. Aqueles que participam como palestrantes neste Fórum dos Investidores foram considerados para a amostra.

O quadro 2 mostra o mapa geral de obtenção da amostra. O quadro 3 mostra a contribuição de cada ponto de encontro para a amostra. O quadro 4 mostra as conferências que contribuíram para a obtenção da amostra para o ponto de encontro Conferências/Palestrantes.

Quadro 2 - Mapa da Amostra



Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3 – Quantidade de atores por Pontos de Encontros

Amostra Final	
Pontos de Encontro	No de Indivíduos
CISE	20
Time do ISE	62
Relatório IFC	16
Palestrantes	56
Total	154

Fonte: Sartore (2010, p.129).

Quadro 4 – Lista das Conferências

Instituição	Conferência
BOVESPA	2004- Conferência Internacional sobre Finanças Sustentáveis em Mercados Emergentes 2005 - II Conferência Internacional sobre Finanças Sustentáveis em Mercados Emergentes
ABRAPP	2007 - Os investimentos dos Fundos de Pensão e a Sustentabilidade Empresarial 2008- Os compromissos sociais e a governança dos fundos de pensão
ANBID	2007- <i>Private Banking</i> e Investimento Sustentável em Economias Emergentes
APIMEC	2008 - Sustentabilidade no mercado de capitais como fator de decisão nos investimentos
Ethos Internacional Conference	2004- RSE na visão dos investidores, fundos de pensão e fundos internacionais 2006- Valorização e Promoção dos Negócios Sustentáveis 2008- Gestão das Finanças para o Desenvolvimento

	Sustentável
IBGC	2007 - Métricas de Sustentabilidade
UNEP-FI	2001 <i>UNEP-FI Regional Outreach Event – Latin America and the Caribbean</i> 2003 <i>“Sustaining Value: A meeting on finance and sustainability”</i> 2005 <i>Global Roundtable “A world of risk?”</i> .
TBLI	2000/2001/2002/2003/2004/2005/2006/2007
Fórum do Investidor	2005/2006/2007/2008

Fonte: Sartore (2010, p.128).

O uso da ACM para explorar a amostra

Até o momento, foram explicitadas ao leitor as estratégias utilizadas para mapear os atores sociais que trabalham com o ISR a partir do CISE. Eles foram agrupados em quatro **Pontos de Encontro**: CISE, Time do ISE, Relatório IFC, e Conferências/Palestrantes. A maior parte das informações colhidas sobre estes indivíduos foi através da publicação de mini-biografias em páginas eletrônicas institucionais, ou seja, páginas eletrônicas de companhias ou de conferências totalizando 111 indivíduos. As outras duas principais fontes consistiram no banco de dados de profissionais acadêmicos brasileiros chamado Plataforma Lattes (36 indivíduos) e o questionário enviado por e-mail e respondido por 7 indivíduos. O grupo final é composto de 154 indivíduos.

Para a realização da Análise de Correspondência Múltipla [que mais se associa à idéia de construção de campo e é utilizada para analisar as associações múltiplas de variáveis qualitativas] foram rodadas as tabelas de frequência para determinar entre todas as questões, quais podiam criar as distâncias entre os indivíduos. Como afirma Rouanet (2005, p.5) “[...] apenas discordância cria distância entre os indivíduos. Quanto menor a frequência de categorias de discordância, maior a distância entre os indivíduos⁴.”

Existem algumas propriedades que são predominantes neste espaço: a maioria dos agentes pertence ao sexo masculino (72%), atua em São Paulo (83%), não tem doutorado (74%) e não passou em sua trajetória profissional por organizações internacionais (75%). Assim podemos inferir que quando estamos falando de ISR no Brasil, estamos nos referindo a um espaço dominante paulista, masculino e não-

⁴. Isto quer dizer que de um grupo de 100 indivíduos, 100 preferem o **amarelo** e nenhum deles prefere o **azul** não existe nenhuma distância social entre eles no que se refere à preferência de cores. Se, por outro lado, 50 preferem o amarelo e outros 50 preferem o azul, existe uma distância social que pode culminar em uma divisão de pólos porque a preferência de cores cria distâncias sociais.

acadêmico. O fato de a maioria não ter passado por instituições internacionais reforça a tese de que a lógica global de construção do ISR se apóia em atores chaves, que passam pela esfera internacional, trazendo esta nova ferramenta financeira instituindo-a por um processo de isomorfismo mimético (DIMAGGIO; POWELL, 1983) e de legitimação profissional.

No entanto, o mercado do ISR aparenta possuir alto grau de heterogeneidade. O uso da ACM é importante para explorarmos esta aparência de heterogeneidade para comprovarmos a tese da convergência de elites. De acordo com Cantu (2009, p.8), “[...] o objetivo da ACM é proporcionar uma visão tangível de realidades multidimensionais por meio da redução das dimensões.” A redução destas dimensões aparece na forma de eixos fatoriais que procuram demonstrar quais são as variáveis mais determinantes para a configuração do espaço social.

Depois de elaborar todas as tabelas de frequência, 13 variáveis ativas com 42 categorias foram consideradas para o tratamento da ACM como demonstrado no quadro

Quadro 5 – Variáveis ativas para a constituição do espaço do ISR no Brasil

Variáveis ativas para a constituição do Espaço do ISR no Brasil
Trajetória Educacional:
<ul style="list-style-type: none">▪ Área que se formou (3): Humanas/Biológicas; Exatas; Negócios▪ Passagem pela FGV (2): sim [FGV]; não [N_FGV]▪ Área que fez mestrado (4): Negócios, Outra área exceto negócios [Mest_outra]; Fez mestrado, mas não menciona em que área [NC_Mest]; Não possui mestrado [N_Mest];▪ Tipo de área que tem especialização (4): Negócios, Outra área exceto negócios [Esp_outra]; Fez especialização, mas não menciona em que área [NC_Esp]; Não possui especialização [N_Esp];
Capital Social
<ul style="list-style-type: none">▪ Membro de Conselho [Board Member] (2): sim [BM]; não [N_BM]▪ Participa de Roadshows como palestrante (2): sim [RoadShow]; não [N_RoadShow].
Trajetória Profissional
<ul style="list-style-type: none">▪ Setor da Empresa que trabalha (8): Ensino; Consultoria, Financeiro, Fábrica,▪ Instituição Internacional, Instituto, Fundos de Pensão, Público▪ Passou por finanças (2): sim [Fin], não [N_Fin]▪ Passou por instituições públicas (2): sim [Pub]; não [N_Pub].▪ Tema geral que trabalha (4): Meio-Ambiente [Meio_Am]; Responsabilidade Social [Respo_So]; Finanças Sustentáveis [Fin_Sust], [Outro].▪ Posição na Amostra [Variável Suplementar*] (4): Conselho do ISE [C_ISE]; Equipe do ISE [E_ISE]; Conferências [Conf]; Relatório IFC [Rel_IFC]
Propriedades Demográficas:
<ul style="list-style-type: none">▪ Estado de atuação (3): São Paulo; Rio de Janeiro; Outros▪ Sexo (2): Feminino; Masculino
*A variável “Posição na Amostra” foi colocada como Variável Suplementar. Segundo Hjellbrekke et al.

(2007), a variável suplementar pode ser introduzida sem participar da determinação dos eixos. Deste modo, como afirma Cantu (2009:8), a “Variável Suplementar serve para observar como a estrutura social ‘explica’ as diferenças” entre as Posições na Amostra.

Fonte: Sartore (2010, p.131).

Como resultado, três dimensões do espaço geográfico apareceram, mas apenas as dimensões 1 e 2 foram analisadas, pois compreendiam a 77% da variância total. O quadro 6 apresenta o índice de discriminação das 13 variáveis analisadas e o quadro 7 apresenta enfim a representação geométrica das propriedades do mercado do ISR no Brasil.

Quadro 6 – Índice de discriminação

Variáveis	Dimensões	
	1	2
Sexo	0,122	0,037
Localização	0,050	0,662
Área de Graduação	0,301	0,029
Membro de Conselho	0,159	0,028
Instituição Pública?	0,075	0,488
Palestrante?	0,173	0,010
Passou pelas Finanças?	0,684	0,001
Setor da Companhia	0,527	0,712
Tema em que trabalha	0,675	0,145
Posição na Amostra	0,249	0,260
Área de Mestrado	0,292	0,030
Área de Especialização	0,360	0,052
Passagem pela FGV	0,207	0,174
Total	3,626	2,368

Fonte: Sartore (2010, p.132).

Os números em negrito representam as variáveis que mais contribuem para cada dimensão. Para a dimensão 1, as variáveis que mais contribuem para a sua formação são: "Passou por finanças" (0.684)⁵; "Tema que trabalha" (0.675) and "Setor da Companhia" (0.527). Estas são as variáveis que criam maiores distâncias entre os indivíduos no eixo horizontal.

As variáveis que mais contribuem para a formação da segunda dimensão são: "Qual o setor que trabalha (0.712), "Estado de atuação" (0.662), Passou pelo Governo (0.488) e, em menor grau, "Posição na Amostra" (0.260). As categorias das variáveis que criam maiores distâncias permitem identificar possíveis oposições neste espaço, ao

⁵ Variáveis que contribuem mais de 10% da variância do eixo [Juntas, explicam mais de 50% do primeiro eixo e mais de 75% no segundo eixo].

mesmo tempo em que se associam às categorias das outras variáveis possibilitando uma leitura, não somente das oposições no espaço, mas também, das características gerais associadas a estas oposições.

Assim, ao analisar o eixo 1, pode-se verificar que no quadrante (Q) 2, se encontram os profissionais que tiveram uma passagem pelas finanças em sua trajetória profissional, que atuam no setor financeiro e cujo tema principal de trabalho é o “Finanças Sustentáveis” o qual engloba o ISR. O eixo 2 (situado verticalmente) opõe aqueles que trabalharam em instituições públicas e estão baseados no estado do Rio de Janeiro àqueles que não trabalham em instituições públicas e estão baseados no estado de São Paulo.

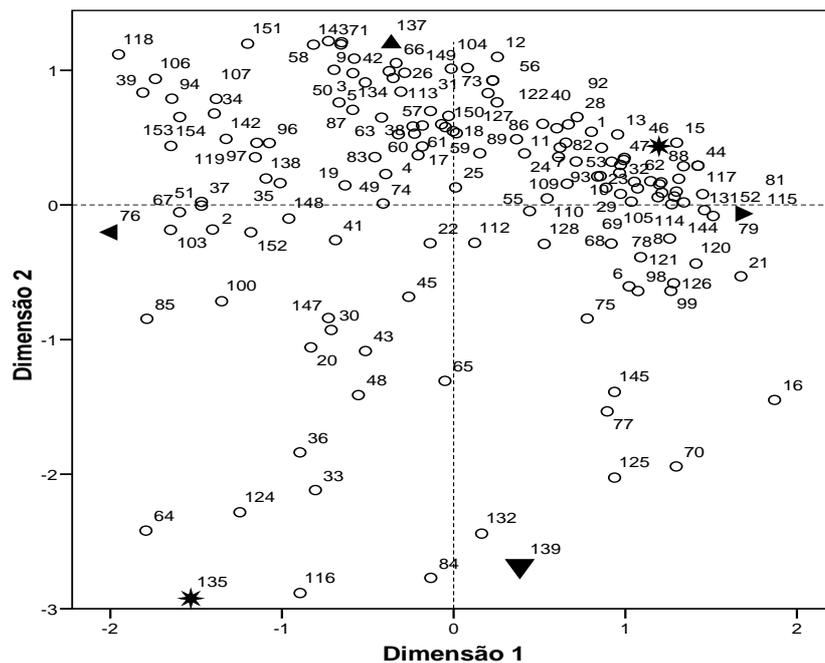
Quando analisamos a nuvem de propriedades (quadro 7), podemos observar que o quadrante 2 (Q2) compreende as categorias “homem”, “passou por finanças”, e Finanças Sustentáveis o que inclui as práticas do ISR. Em contraste, o quadrante 1 (Q1) mostra uma participação maior das mulheres entre aqueles que trabalham mais com consultoria e ensino, ou seja, produção de conhecimento e com temas relacionados à Responsabilidade Social das Empresas. Esta polarização se apresenta, portanto entre de um lado, as finanças *mainstream* e do outro os heterodoxos. No pólo *mainstream* (o qual coincide com o pólo dominante) predominam aqueles indivíduos os quais devem a sua posição na amostra ao relatório do IFC associando-os, portanto a uma trajetória internacional, com uma educação focada em negócios e atuantes como palestrantes em *road-shows*. No pólo heterodoxo, predominam indivíduos que não atuam com finanças, não participam em *road-shows* ou em conselhos, trabalham na área acadêmica mais focada em ciências humanas e biológicas e devem a sua posição na amostra pelo seu pertencimento ao Time do ISE.

O Eixo 2 mostra uma polarização entre aqueles localizados mais no Rio de Janeiro, com atuação em instituições públicas e em temas associados ao meio-ambiente versus aqueles que operam em São Paulo em instituições privadas e com temas mais ligados às finanças *mainstream*.

É importante notar a pouca contribuição das variáveis referentes à formação acadêmica para a formação dos eixos. Isto aponta para o fato de que, ao tratar de ISR, a trajetória profissional [lugares, setores e temas de atuação] é mais determinante na posição do indivíduo do espaço das finanças sustentáveis do que a trajetória educacional.

A ACM permite a ilustração do Espaço do ISR a partir da distribuição dos indivíduos como apresentado no quadro 8.

Quadro 8 – Representação geométrica dos indivíduos



Fonte: Sartore (2010, p.135).

Os números 115 e 81 são os mais distantes no eixo 1 o qual abriga os indivíduos *mainstream*. Como forma de verificar este resultado, podemos olhar mais detalhadamente a quem estes números se referem: são dois **homens**, que trabalham no **setor bancário** no estado de **São Paulo**, com uma trajetória acadêmica em **negócios** (tanto a graduação quanto a pós-graduação), participantes como palestrantes em **road-shows** e que trabalham com **Finanças Sustentáveis**.

No pólo oposto, o número mais distante é o número 76, representado por uma **mulher**, participante do **Time do ISE**, **professora universitária** em São Paulo com graduação em ciências humanas e com pós-graduação em áreas **não** relacionadas com negócios e **sem** uma passagem pelo setor financeiro. Estas três biografias representam de maneira típico-ideal a oposição *mainstream* finanças X não *mainstream* que o eixo procura transpor.

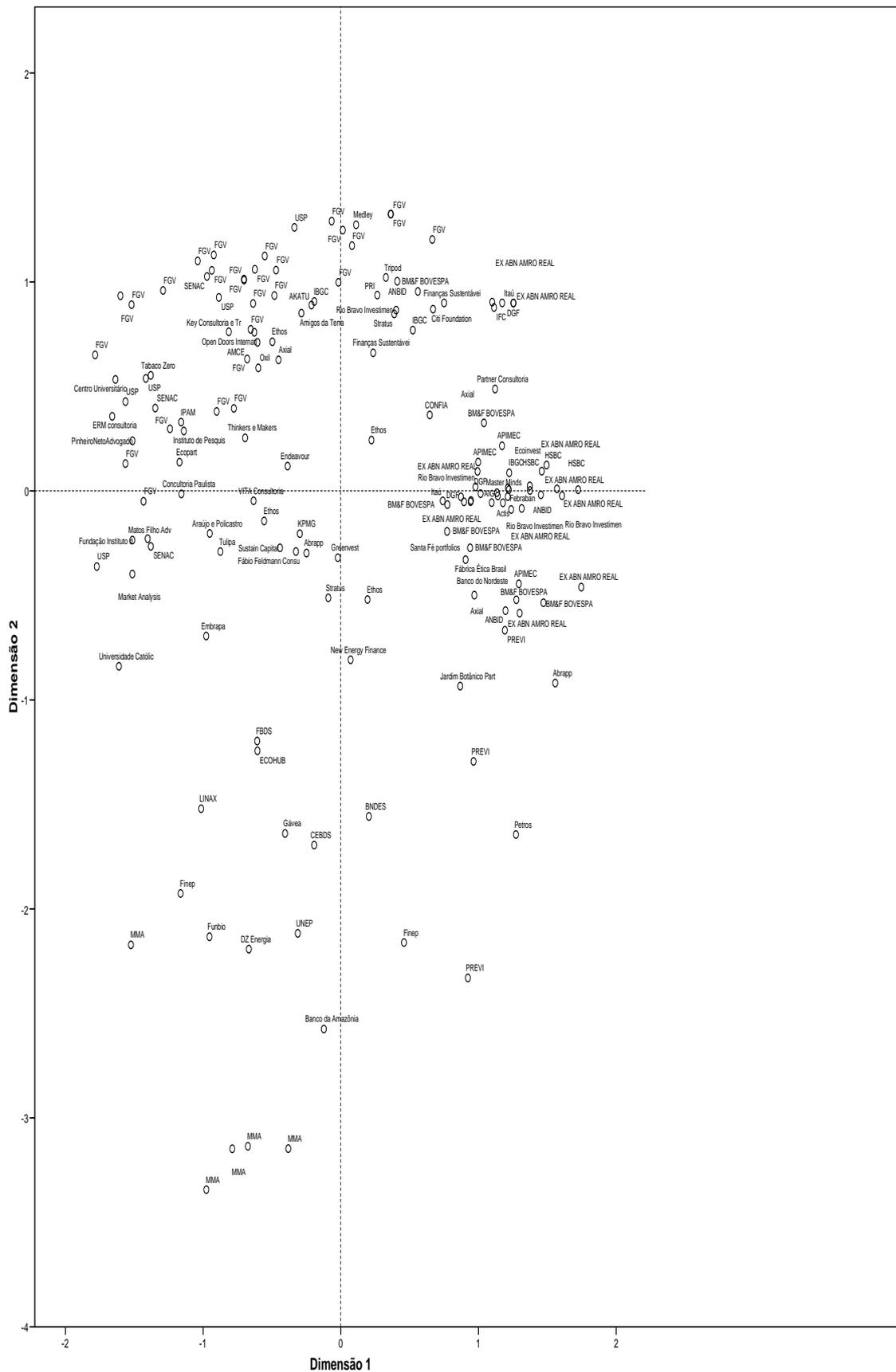
No eixo 2, observa-se o número 135, que se refere uma **mulher**, suplente do Conselho do ISE, que atua no **setor público**, na área do **meio-ambiente** no **Rio de Janeiro**. A sua formação é mista, com graduação em **negócios e pós-graduação em humanas/biológicas**. No quadrante 4 (Q4) no número 139, há um **homem**, atuante no

setor de fundos de pensão do **Rio de Janeiro**, atuante no setor público com uma formação **não-mainstream**, mas com participação em *Road-shows*.

No pólo superior do eixo 2, os números 71 e 137 representam os pontos mais “altos” do gráfico. Estes números representam professores (um de uma universidade pública, outro de uma universidade privada), com graduação em exatas e pós-graduação em negócios **sem passagem pelo setor financeiro** atuando com o tema da **Responsabilidade Social Empresarial**.

Para concluir o tratamento dos dados obtidos pela amostra falta a criação da representação geométrica do indivíduo em relação ao coletivo que ele representa, ou seja, do espaço do ISR a partir das instituições as quais estes indivíduos estão associados. A elaboração deste quadro foi determinante para a comprovação da hipótese da criação social do Mercado do ISR a partir da convergência de elites. Para tanto, é necessária uma análise de quadrante para quadrante.

Quadro 9 – Representação geométrica das instituições



Fonte: Sartore (2010, p.137).

REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v. 4, n. 2, jan/jul. 2012.

Primeiro Quadrante

No quadrante 1 observa-se a concentração de instituições acadêmicas paulistas [USP, FGV, SENAC] e consultorias [AMCE, ERM consultoria e Key Associados Consultoria]. Para além, observa-se a relevância de uma passagem pelas escolas de negócios do país, em especial, a Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV). A FGV apresenta uma elite que desenvolve uma pós-graduação na área de negócios majoritariamente profissional e não acadêmica (LOUREIRO; DURAND, 1995). Em 2009, a FGV-EAESP foi considerada a melhor escola de negócios do país, seguida pela Fundação Dom Cabral, depois pela Fundação Instituto de Administração e pela IBMEC (MEDEIROS, 2009), todas participam também de nossa amostra. Vale ressaltar que dos 154 indivíduos da amostra desta tese, 88 (57,1%) tiveram uma passagem pela FGV como professor, aluno ou pesquisador. Deste modo, é possível demonstrar que os atores sociais ligados ao ISR passaram pelas instituições de ensino dominantes no que concerne aos estudos de negócios.

Ainda no primeiro quadrante, observa-se a presença de consultorias as quais cresceram demasiadamente na década de 90 (DONADONE, 2009). Das empresas consideradas as *Big Six Accounting Firms* nos anos 80, estão presentes a KPMG e a Pricewaterhousecoopers como consultorias com um papel relevante para a expansão da Responsabilidade Social Empresarial no país. As consultorias que tratam mais especificamente de Finanças Sustentáveis como a Tripod Investimentos e a Rio Bravo Investimentos se situam no quadrante 2 composto por características ligadas às finanças. Isto aponta para uma polarização no campo das consultorias entre aquelas dominantes (DONADONE, 2009) no seu campo específico que trabalham com a Responsabilidade Social e aquelas que trabalham com as Finanças Sustentáveis.

Segundo Quadrante

No segundo quadrante, não por acaso, observa-se a concentração de bancos comerciais [EX-ABN AMRO REAL, Itaú, HSBC]. Os bancos atuam com o Investimento Socialmente Responsável principalmente através da criação de seus fundos de investimentos sustentáveis ou pela política de concessão de crédito responsável. Estas duas linhas de atuação são desenvolvidas por uma categoria profissional que são os analistas de investimentos. Mesmo que esta categoria

profissional, como afirma Sauviat (2003), tenha ganhado força principalmente a partir dos anos noventa, quando se trata dos ISR, eles ocupam o lugar de dominados do espaço social como evidenciado pela fala de Pedro Bastos do HSBC na *TBLI Conference* em 2007 ao dizer que o grupo de gestores de investimentos em ISR não eram ainda o *mainstream*. Trata-se, portanto de um quadrante no qual existe a predominância de características do mercado financeiro, mas lideradas por um grupo que procura inverter o jogo, mas sem colocar em xeque as estruturas próprias do campo das finanças.

A eclosão da crise dos *subprimes* em 2008 pode ser considerada um episódio o qual explicita a dualidade polar entre os defensores da economia *mainstream* e os defensores da economia sustentável do Investimento Socialmente Responsável.

Os defensores da economia *mainstream* questionam a possibilidade do desenvolvimento de práticas de sustentabilidade em empresas que enfrentam uma crise econômica (FRANKLIN, 2008), outros voltam a frisar a idéia de Friedman (1970) de que o papel singular do empresário é apenas o de produzir lucros e manter o negócio (STERN, 2009), outros ainda argumentam que a causa da crise está atrelada à inclusão de uma agenda social estabelecida pelo governo para facilitar os empréstimos feitos por grupos sociais de baixa renda (ENTINE, 2008).

Por outro lado, aqueles a favor do ISR culpam a falta de práticas do ISR como uma das causas gerais da crise do crédito argumentando que “a Sustentabilidade é uma questão de sobrevivência” (OSGOOD, 2009), ou que a crise é o resultado de um modo insustentável que busca o lucro imediato (VOLTOLINI, 2008).

Os momentos de crise são propícios para verificar a formação de diferentes posicionamentos frente a uma realidade social e econômica. Os entrantes ou ainda, os inclinados para o ISR aproveitam o momento para criticar o economista clássico ao dizer que o modelo ortodoxo de investimento utilizado na economia não se sustenta mais. Do outro lado da moeda, se encontram os que vêm atuando na esfera das finanças e podem ser considerados o *mainstream* da economia que aproveitam o momento para colocar em xeque as tendências do movimento do ISR.

A tentativa dos dominados em inverter o jogo fica explícita nas falas a seguir: Beatriz Bulhões do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) afirma que “[...] há uma diferença entre apenas enxugar custos e em utilizar os instrumentos da ecoeficiência e da sustentabilidade para repensar os negócios. ‘Só enxugar é pensar no agora; com a sustentabilidade, o foco é o futuro’.”

(BULHÕES apud SÃO PAULO, 2009) ou ainda, é possível se deparar com uma nota divulgada pelo Instituto Ethos intitulada “[...] economistas vêem a sustentabilidade como modelo para economia após a crise.” (MARCONDES, 2009). Na França também é possível encontrar defensores do ISR ao afirmarem que “O interesse pelo ISR deve sair reforçado da crise”. (SAVADOUX, 2009).

Este papel de dominado no campo das finanças fica mais evidente quando olhamos para o campo das finanças através da polaridade, Governança Corporativa versus *Private Equity* proposta por Grün (2009). Segundo Grün (2009), seria possível entender o campo financeiro pela oposição entre aqueles que incorporaram as inovações advindas da governança corporativa, a saber, os bancos comerciais e os fundos de pensão, versus os *Chicago Boys* que importam novas tendências financeiras como os *Private Equities*, *Hedge Funds* etc.

Esta dualidade brasileira teria a sua representação homóloga nos Estados Unidos sendo evidenciada por três personagens símbolos: dois bilionários americanos e outro do ativismo sustentável, a saber, Warren Buffet e Bill Gates versus Al Gore respectivamente. Enquanto Buffet afirma que é muito difícil discriminar o que é uma empresa “boa” e uma “ruim” e assim, não leva em consideração estes quesitos na hora do investimento (PILLER, 2007), Gore acredita no desenvolvimento das práticas do Investimento Socialmente Responsável (MENDONÇA; OPPENHEIM, 2007).

Enquanto no Brasil, Daniel Dantas é associado aos *Privates Equities* e à figura de Warren Buffet (CORREA; MANO, 2005), Al Gore circula na esfera da sustentabilidade, como por exemplo, pela sua participação no prêmio Eco de Gestão Empresarial para a Sustentabilidade concedido pela Câmara Americana do Comércio (PRADO; ROSENBERG, 2007) ou por sua palestra proferida no Brasil organizada pelo Banco Itaú, o que o aproxima dos atores ligados à Governança Corporativa no Brasil (MANO, 2007). Assim, enquanto Daniel Dantas, Warren Buffet e Bill Gates representam a *mainstream finance* com idéias próprias sobre a Responsabilidade Social das Empresas e Investimentos Responsáveis⁶, o CISE e Al Gore representam as finanças mais heterodoxa com uma idéia sobre Responsabilidade Social das Empresas e

⁶ Em sequência de reportagens publicadas no jornal O Estado de São Paulo, Bill Gates e Warren Buffet demonstram o seu poderio em alavancar as práticas de filantropia entre bilionários americanos. A primeira reportagem de 5 de agosto de 2010 intitulada “Bill Gates convence 40 bilionários a doar metade da fortuna nos EUA” demonstra a iniciativa destes atores na tentativa de arrecadar doações em um período de crise enfrentado pelos EUA. Na sequência, em reportagem de 23 de agosto intitulada “Nos EUA, em 2009, filantropia chegou a US\$ 303 bilhões” demonstra a eficácia destes atores em suas concepções de ação social dos grandes empresários.

Investimento Socialmente Responsável muito mais institucional e normativa influenciadas pelo IFC e pelas Nações Unidas.

Terceiro Quadrante

O terceiro quadrante se destaca pela participação dos Fundos de Pensão. Os fundos de pensão como [PREVI, PETROS, ABRAPP] incorporaram o discurso do ISR. Este posicionamento dos Fundos de Pensão pode ser atribuído a sua crescente financeirização sob a direção de uma “elite sindical” (JARDIM, 2009). Este grupo, para se diferenciar de seus antecessores estariam mais dispostos a aderir à filosofia do ISR. Os Fundos de Pensão brasileiros ganham cada vez mais destaque no cenário econômico-financeiro como evidencia a edição de fevereiro do Valor Investe ao chamar os fundos de pensão de “Novas Estrelas da Bolsa2”. O mercado de ISR no Brasil em 2007 possuía 12 fundos operacionalizados por bancos comerciais que possuíam um patrimônio total de R\$1, 376 bilhão. Com a entrada dos Fundos de Pensão neste mercado, calculou-se que os ativos totais em ISR ultrapassariam os R\$380 bilhões (MATTOS, 2007). Assim, Monzoni entrevistado por Mattos (2007) afirma que “[...] com o poder econômico desses fundos, mesmo que entrem discretamente no mercado, já fará uma bela diferença.” Desta forma, os agentes ligados ao ISR acreditam que a adesão dos fundos de pensão para as práticas do ISR é fundamental para o sucesso deste mercado em escala nacional e mundial.

Para englobar grandes Investidores Institucionais como os Fundos de Pensão, o Pacto Global e a UNEP-FI lançaram, em 2006, os Princípios para o Investimento Responsável (PRI). No entanto, já em 2003, no Brasil havia uma iniciativa do Instituto Ethos junto a Associação Brasileira dos Fundos de Pensão (ABRAPP) para lançarem os princípios básicos de Responsabilidade Social os quais fariam parte de uma cartilha para o Investimento Socialmente Responsável. O PRI tem como base a incorporação da idéia por parte dos investidores institucionais de que investir com critérios de governança, sociais e ambientais podem afetar positivamente a performance das carteiras de investimento. Assim, a proposta é a de criação de um referencial para que os investidores possam incorporar estas práticas ao seu dever de gerir recursos de terceiros.

Segundo Rebouças (2006), o Fundo de Pensão PREVI, junto ao Fundo de Pensão da Tailândia, foram os únicos dois grupos do terceiro mundo convidados para

participar da elaboração destes princípios. Sérgio Rosa, presidente da PREVI citado por Rebouças (2006) afirma que,

[...] na condição de investidores institucionais, temos o dever de dar prioridade aos interesses de longo prazo de nossos beneficiários [...] acreditamos que temas como meio ambiente, desenvolvimento social e governança corporativa podem afetar o desempenho das carteiras de investimento variando em níveis por empresas, setores, regiões, classe de ativos e através do tempo. (ROSA apud REBOUÇAS, 2006, p.02).

O UNEP-FI junto ao Fórum de Investimento Socialmente Responsável Inglês (UKSIF) lançaram um relatório intitulado “*Responsible Investment in Focus: How leading public pension funds are meeting the challenge*” em 2007. Este relatório demonstra que os Fundos de Pensão públicos têm avançado no que concerne às questões do Investimento Socialmente Responsável. Naquele momento, a PREVI, única representante brasileira no relatório, associava às suas ações de Investimento Socialmente Responsável às ações de desenvolvimento da Governança Corporativa (UNEP; UKSIF, 2007). Como decorrência destas iniciativas, em fevereiro de 2009, é possível observar a participação de 28 signatários brasileiros no PRI e a participação de grupos dominantes no que concerne ao campo específico da Previdência.

É interessante notar que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) se situa no quadrante próximo aos fundos de pensão. Este posicionamento se deve ao fato de que o BNDES é uma instituição ligada ao governo e que apresenta uma preocupação focada no meio ambiente. Estas características o aproximam das instituições mais heterodoxas do campo do ISR. No entanto, o BNDES se encontra no quadrante perto dos fundos de pensão, pois trata do braço do governo que mais dialoga com os agentes do ISR no Brasil. Sendo assim, o governo estaria sendo representado neste espaço de maneira simbólica, pela sua aparição no CISE através do Ministério do Meio Ambiente. Mas, na prática, a sua participação ocorre pelas ações desenvolvidas pelo BNDES que, apesar de dominada no que concerne ao ISR, dialoga com os agentes do ISR. Isto fica evidente na criação pelo BNDES em parceria com a Bolsa de Valores de Estado de São Paulo do Índice de Carbono Eficiente, o qual tem o intuito de medir as emissões de carbono das empresas listadas na bolsa de valores (SIMONI, 2010).

Quarto Quadrante

No quarto quadrante observa-se a concentração de instituições cariocas com foco no meio ambiente e/ou no desenvolvimento do capital de risco associado às idéias de sustentabilidade. [MMA, Funbio, FINEP, Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável].

O projeto de capital de risco associado à sustentabilidade tem o apoio do Banco Nacional do Desenvolvimento Social e Econômico, braço do governo federal atuante até então bem mais nas esferas de investimento fora do mercado de capitais.

Estas são instituições consideradas dominantes no âmbito do meio-ambiente, pois algumas são instituições ligadas ao governo como o Ministério do Meio-Ambiente, a FINEP, a Embrapa, ou são instituições ligadas às organizações não governamentais de grande relevância para o surgimento da temática do meio ambiente no âmbito empresarial como a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável ou o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável. Neste mesmo quadrante se encontra a o braço do meio-ambiente das Nações Unidas, outra instituição importante para o desenvolvimento dos debates na esfera do meio-ambiente.

Considerações finais

Segundo Durkheim (2002, p.17), as “[...] representações sociais coletivas são exteriores à consciência individual, ou seja, ela não deriva dos indivíduos, mas sim das relações entre eles.” Ou seja, as representações sociais constituem um quadro de referência cultural através do qual compreendemos uma realidade e orientamos a nossa ação social. Esta convergência cria uma nova representação social, a do Investimento Socialmente Responsável, no campo das finanças.

Assim, além de responder a primeira pergunta sobre quem são os atores que constituíram o mercado do ISR no Brasil, esta abordagem possibilitou corroborar a tese de que o CISE é um dos espaços objetivos desta convergência e, portanto, um *lieu neutre*, pois a estratégia para inversão dos pólos no mundo das finanças é carregada de um discurso de representatividade levando à aparência de ser um mercado heterogêneo e “neutro” valores que contrapõe à visão nascista do financista que somente pensa em maximizar seu próprio lucro.

Quanto à terceira pergunta, sobre a distribuição dos indivíduos, foi possível averiguar que eles estão distribuídos por redes que se objetivam na forma de conselhos, projetos e conferências. Esta distribuição destes atores traz um importante debate teórico que merece um estudo à parte, sobre as possíveis convergências e divergências para a compreensão do mercado utilizando-se a teoria das redes sociais não como uma forma de associação humana para o alcance da eficiência econômica, mas sim como uma forma de organização que define as relações do agente no espaço social a qual rege a sua concepção arbitrariamente e culturalmente constituída de eficiência econômica, como no caso de nosso objeto, pela crença na rentabilidade superior dos índices sustentáveis.

Quanto à última pergunta concernente às dimensões que mais determinam a posição do indivíduo neste espaço social consistem na preponderância da trajetória profissional sobre o capital social e a trajetória educacional. De acordo com os índices de discriminação, a cidade onde trabalha o setor e o tema em que atua são os fatores determinantes para as polarizações no espaço.

A construção social do Mercado do Investimento Socialmente Responsável não é, portanto o resultado de um mecanismo automático de mercado, mas sim da relação das propriedades sociais dos indivíduos relacionadas às estruturas sociais de um determinado espaço em um determinado período da história. Este mercado, reconstituído sociologicamente aqui neste artigo, é o resultado da convergência de elites do meio-ambiente, dos fundos de pensão, acadêmicas com um grupo de atores sociais atuantes na esfera das finanças que criam as condições sociais para esta convergência com o intuito de se tornarem os dominantes no campo das finanças sem, no entanto, destruir o próprio sentido do jogo inerente ao mundo das finanças.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo suporte à pesquisa na forma de Bolsa de Doutorado. Agradeço também os valiosos comentários de Frédéric Lébaron e Roberto Grün assim como agradeço aos colegas do Núcleo de Estudos de Sociologia Econômica pelos debates que esclareceram algumas idéias contidas neste artigo.

THE SOCIALLY RESPONSIBLE MARKET

ABSTRACT: *This article shows the emergence of the Socially Responsible Investment (SRI) in Brazil by sociologically exploring the Brazilian Corporate Sustainability Index launched in Sao Paulo Stock Market in 2005. By using Bourdieu's concept of field, the theoretical approach of economic sociology and the Multiple Correspondence Analysis as its methodological tool, this article concludes that the existence of the SRI market is far less the result of the markets' automatic mechanisms than of an elite convergence aiming to create a new social representation in the world of finance.*

KEYWORDS: *Socially responsible investment. Economic sociology. Field. Financial market. Multiple correspondence analysis. Elites.*

REFERÊNCIAS

BLODGET, H. Investir no bem custa caro. **Época Negócios**, Edição 10, dez. 2007.

Disponível em:

<<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Epocanegocios/0,,EDG80358-9560-10-2,00INVESTIR+NO+BEM+CUSTA+CARO.html>>. Acesso em: 13 set. 2010.

BOURDIEU, P. O campo econômico. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v.6, 2005.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1930/1697>>. Acesso em: 08 fev. 2010.

_____. L'illusion biographique. **Actes de La Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n.62-63, p.69-72, jun. 1986.

BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L. La production d'idéologie dominante. **Actes de La Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n.8-9, p.4-76, 1976.

BRITO, C. et al. **L'investissement socialement responsable**. Paris: Econômica, 2005.

BRUHNS, H. **A sociologia econômica em Max Weber**. 2009. Mini curso apresentado à Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, nov. 2009.

BULST, N. Sobre o objeto e o método da prosopografia. **Politéia: história e sociedade**, Vitória da Conquista, v.5, n.1, p.47-67, 2005.

CAMBA, D. Metade das empresas responde ao questionário do ISE. **Valor Econômico**, São Paulo, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/eueinvestimento/49/Metade+das+empresas+responde+ao+questionario+do+ISE,,,49,3402295.html>>. Acesso em: 28 nov. 2005.

CANTU, R. Uma abordagem das elites da burocracia econômica como espaço social. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA POLÍTICA UFPR – SOCIEDADE E POLÍTICA EM TEMPOS DE INCERTEZA, 1., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/evento/SociologiaPolitica/GTsONLINE/GT2/EixoII/abordagem-elites-RodrigoCantu.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2009.

CORREA, C.; MANO, C. Onde Dantas errou. **Exame**, São Paulo, abr. 2005. Disponível em:

<<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0841/negocios/m0054959.html>>. Acesso em: 23 mar. 2010.

COTIAS, A. Responsabilidade à prova. **Valor Econômico**, São Paulo, nov. 2006.

Disponível em:

<<http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/eueinvestimento/49/Responsabilidade+a+prova,,49,4018166.html>>. Acesso em: 23 nov. 2006.

DE GOEDE, M. Resocialising and repoliticising financial markets: contours of social studies of finance. **Economic Sociology European Electronic Newsletter**, [S.l.], v.6, n.3, p.19-29, jul. 2005.

DÉJEAN, F. **L’investissement socialement responsable – étude du cas français**.

Paris: Vuibert, 2005.

DIMAGGIO, P. Culture and economy. In: SMELSER, N.; SWEEDBERG, R. **The handbook of Economic Sociology**. New York: Russell Sage Foundation; Princeton: Princeton University Press, 1994. p.27-57.

DIMAGGIO, P. J.; POWELL, W. W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. **American Sociological Review**, [S.l.], v.48, n.2, p.147-160, 1983.

DONADONE, J. C. Lógica financeira e dinâmica organizacional nos anos 1990: novos donos, novos consultores, outros gerentes. In: MONDADORE, A. P. et al. **Sociologia econômica e das finanças: um projeto em construção**. São Carlos: EDUFSCar, 2009. p.133-153.

DURKHEIM, É. Représentations individuelles et représentations collectives. **Revue de Métaphysique et de Morale**, Paris, v.4, p.1-22, 2002.

ENTINE, J. Financial crisis: social investment – crunch time for ethical investing.

Ethical Corporation, out. 2008. Disponível em:

<<http://www.ethicalcorp.com/content.asp?ContentID=6159>> Acesso em: 28 out. 2008.

EUROSIF. **European SRI Study**. 2008. Disponível em:

<http://www.eurosif.org/media/files/eurosif_sristudy_2008_global_01>. Acesso em: 21 jun. 2010.

FRANKLIN, D. The year of unsustainability: the world in 2009. **The Economist**, nov. 2008. Disponível em:

<http://www.economist.com/theworldin/displayStory.cfm?story_id=12494427>. Acesso em: 2 mar. 2009.

FRIEDMAN, M. The social responsibility of business is to increase its profits. **The New York Times Magazine**, set. 1970. Disponível em:

<<http://www.colorado.edu/studentgroups/libertarians/issues/friedman-soc-resp-business.html>>. Acesso em: 18 fev. 2009.

GIAMPORCARO, S. S. **L'investissement socialement responsable entre l'offre et la demande**: analyse et enjeux de la construction sociale d'une épargne politique. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Université René Descartes Paris V, Paris, jul. 2006.

GODECHOT, O. Concurrence et coopération sur les marchés financiers: les apports des études sociales de la finance. In: STEINER P.; VATIN, F. **Traité de sociologie économique**. Paris: PUF, 2009. p.609-645.

GOND, J.-P. Construire la relation (positive) entre performance sociétale et performance financière: de la performativité à autoréalisation? **Revue d'Economie Financière**. Paris, v.85, p.63-79, 2006.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, Chicago, v.91, p.481-510, 1985.

GRÜN, R. Difusão dos fundos de *private equities* (PES) e transformações do capitalismo no Brasil recente. In: MONDADORE, A. P. et al. **Sociologia econômica e das finanças**: um projeto em construção. São Carlos: EDUFSCar, 2009, p.225-256.

HJELLBREKKE, J. et al. The Norwegian Field of Power Anno 2000. **European Societies**, v.9, n.2, p.245-253, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/14616690601002749>>. Acesso em: 01 set. 2010.

JARDIM, M. A. C. **Entre a solidariedade e o risco**: sindicatos e fundos de pensão em tempos de governo Lula. São Paulo: Annablume, 2009.

KNORR CETINA, K. Economic sociology and the sociology of finance: four distinctions, two developments, one field? **Economic Sociology European Newsletter**, [S.l.], v.8, n.3, p.4-10, 2007.

LASFF. **Finanças sustentáveis**. 2010. Disponível em: <<http://www.lasff.com.br/pt/index.cfm?fuseaction=conteudo&idSecao=39>>. Acesso em: 27 set. 2010.

LEBARON, F. How Bourdieu "quantified" Bourdieu: the geometric modelling of data. In: ROBSON, K.; SANDERS, C. **Quantifying theory**: Pierre Bourdieu. Holanda: Springer, 2009. p.11-29.

_____. Central bankers in the contemporary global field of power: a 'social space' approach. **Sociological Review**, London, v.56, n.1, p.121-144, abr. 2008.

LOUREIRO, M. R.; DURAND, J. C. Comparação entre a pós-graduação profissional e a acadêmica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.94, p.05-14, ago. 1995.

MARCONDES, D. Economistas vêem a sustentabilidade como modelo para economia pós crise. **Mercado Ético**, 2009. Disponível em: <<http://mercadoetico.terra.com.br/arquivo/economistas-veem-a-sustentabilidade-como-modelo-para-economia-pos-crise/>>. Acesso em: 02 mar. 2009.

MANO, C. Negócio Sustentável – a corrida por uma imagem sustentável. **Exame**, São Paulo, maio 2007. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/conteudo_232184.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2010.

MATTOS, A. Gestão para o futuro. **Valor Econômico**, São Paulo, abr. 2007. Disponível em: <<https://www.petros.com.br/portal/server.pt?open=space&name=CommunityPage&control=SetCommunity&CommunityID=200&PageID=129095&content=3E2E263E5D5244514018485E535F55>>. Acesso em: 29 maio 2012.

MEDEIROS, J. As melhores escolas de negócios do país são a nata do ranking. A Eaesp-FGV é neste ano, novamente, a número 1. **Você S/A**, São Paulo, nov. 2009. Disponível em: <<http://vocesa.abril.com.br/desenvolva-sua-carreira/materia/topo-saiba-quais-foram-cinco-melhores-escolas-mba-2009-511711.shtml>> Acesso em: 1 mar. 2010.

MENDONÇA, L. T.; OPPENHEIM, J. Investing in sustainability: an interview with Al Gore and David Blood. **The McKinsey Quarterly**, maio. 2007. Disponível em: <http://www.mckinsey.com/client-service/ccsi/pdf/Investing_in_Sustainability.pdf>. Acesso em: 23 maio 2010.

OSGOOD, D. Recent ink misses the point of corporate responsibility. **The business for a better world**, fev. 2009. Disponível em: <<http://blog.bsr.org/2009/02/recent-ink-misses-point-of-corporate.html>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

PARPET, M.-F. G. La construction sociale d'un Marché Parfait: le marché au cadran de Fontaines-en-Sologne. **Actes de la recherche en Sciences Sociales**, Paris, n.65. p.02-13, nov. 1986.

PAVINI, A. HSBC cria fundo de ações atrelado ao ISE. **Valor Econômico**, São Paulo, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/eueinvestimento/49/HSBC+cria+fundo+de+acoes+atrelado+ao+ISE,,49,3460586.html>>. Acesso em: 28 nov. 2006.

PENALVA-ICHER, E. **La construction sociale d'un marché financier: L'investissement Socialement Responsable en France**. 2006. Disponível em <<http://www.melissa.enscachan.fr/IMG/pdf/Penalva-Icher.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2010.

PILLER, C. Buffet Rebuffs efforts to rate corporate conduct. **Los Angeles Times**, maio 2007. Disponível em: <<http://www.latimes.com/business/la-na-berkshire7may07,1,2180048.story>>. Acesso em: 23 mar. 2010.

PRADO, A.; ROSENBERG, C. O Banqueiro Verde. **Época Negócios**, jul. 2007. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/conteudo_232184.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2010.

REBOUÇAS, L. Previ participa do Global Compact. **Suplemento Especial Gazeta Mercantil**, Rio de Janeiro, p.02, out. 2006.

ROUANET, H. The geometric analysis of structures individuals X variables tables. In: GREENACRE, M.; BLÁSINS, J. **Multiple Correspondence Analysis and Related Methods**. Boca Raton: Chapman & Hall, 2005. p.137-159.

SÃO PAULO. Ecoeficiência pode ser uma resposta positiva à crise. **Valor Econômico**, São Paulo, jan. 2009. Disponível em:
<<http://www.valoronline.com.br/ValorImpresso/MateriaImpresso.aspx?tit=Ecoefici%C3%Aancia%20pode%20ser%20uma%20resposta%20positiva%20%C3%A0%20crise&dtMateria=27%2001%202009&codMateria=5385110&codCategoria=102&p=171&t=12px>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

_____. Fundos do ABN e do Itaú foram os precursores. **Valor Econômico**, São Paulo, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/financas/54/Fundos+do+ABN+e+do+Itau+foram++precursores,,,54,3576567.html>>. Acesso em: 28 nov. 2006.

SARTORE, M. de S. Convergência de elites: a sustentabilidade no mercado financeiro. 2010. 207f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

SAUVIAT, C. Deux professions dans la tourmente – l’audit et l’analyse financière. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n.146-147, p.21-41, mar. 2003.

SCHAFROTH, E. La crise financière renforce l’intérêt pour l’investissement socialement responsable. **Capital.fr**, fev. 2009. Disponível em:
<<http://www.capital.fr/placements/interviews/la-crise-financiere-renforce-l-interet-pour-l-investissement-socialement-responsable-351952>>. Acesso em: 03 mar. 2009.

SIMONI, W. F. de. O novo índice da Bovespa. **Blog termômetro global- portal exame**. 2010. Disponível em: <<http://portalexame.abril.com.br/rede-de-blogs/termometroglobal/2010/01/20/o-novo-indice-da-bovespa/>>. Acesso em: 05 jul. 2010.

SOCIAL INVESTMENT FORUM. **Report on Socially Responsible Investing trends in the United States**. 2007. Disponível em:
<http://www.socialinvest.org/pdf/SRI_Trends_ExecSummary_2007.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2010.

STERN, S. The hot air of CSR. **Financial Times**, fev. 2009. Disponível em:
<<http://www.ft.com/cms/s/0/c4d25c8a-f13d-11dd-8790-0000779fd2ac,s01=1.html>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

SWEEDBERG, R. Sociologia Econômica: hoje e amanhã. **Tempo Social**, São Paulo, v.16, n.02, 2004.

UNEP-FI; UKSIF. **Responsible Investment in Focus: How leading public pension funds are meeting the challenge**. 2007. Disponível em: <<http://www.unepfi.org/fileadmin/documents/infocus.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

VALENTI, G.; TORRES, F. Bolsa reavalia Sustentabilidade. **Valor Econômico**, São Paulo, mar. 2010. Disponível em: <<https://conteudoclipppingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2010/3/1/bolsa-reavaliasustentabilidade/>>. Acesso em: 21 jun. 2010.

VALORONLINE. Fundo ISE. **Valor Econômico**, São Paulo, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/financas/Fundo+ISE,,,55,347228.html>>. Acesso em: 28 nov. 2006.

VIEIRA, C. Caixa lança carteira de ações que segue o ISE. **Valor Econômico**, São Paulo, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/eueinvestimento/49/Caixa+lanca+carteira+de+acoes+que+segue+o+ISE,,,49,4625241.html?highlight=&newsid=4625241&areaid=49&editionid=1892>>. Acesso em: 23 nov. 2007.

VOLTOLINI, R. A crise e a sustentabilidade. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, nov. 2008. Disponível em: <http://indexet.gazetamercantil.com.br/arquivo/2008/11/04/22/OPINIAO-_A-crise-e-a-sustentabilidade.html>. Acesso em: 02 mar. 2009.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1985.